

Princípios Educativos da Cidade:

Fontes históricas no Ensino de História



Alex Carbonel Pereira



Universidade do Estado de Mato Grosso
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História ProfHistória

Autor: Alex Carbonel Pereira
Orientação: Prof. Dr. Marion Machado Cunha
Diagramação: Kellen Cristina Batista Pereira
Foto da capa: <http://www.saojosedosquatromarcos.mt.gov.br>

Luiz Kenji Umeno Alencar CRB 1/2037

PEREIRA, Alex Carbonel.
P436a As Marcas da Terra nas Memórias e Saberes Históricos: Os
Calos do Saber / Alex Carbonel Pereira - Cáceres, 2020.
114 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu
(Mestrado Profissional) Profhistória, Faculdade de Ciências
Humanas, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato
Grosso, 2020.

Orientador: Marion Machado Cunha

1. Profhistória. 2. Ensino de História. 3. Terra. 4.
Conscientização. 5. Memórias. I. Alex Carbonel Pereira. II. As
Marcas da Terra nas Memórias e Saberes Históricos:: Os Calos
do Saber.

CDU 371.3

Sumário

APRESENTAÇÃO	4
1 AS FONTES HISTÓRICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA	6
1.1 Fontes orais	8
1.2 Fontes fotográficas	9
1.3 Fontes escritas	10
2 PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA	12
2.1 Primeira etapa	13
2.2 Segunda etapa	16
2.3 Terceira etapa.....	20
2.4 Finalização da Sequência.....	22
3 CATÁLOGO DE FONTES HISTÓRICAS.....	24
3.1 Fontes orais.....	24
3.2 Fontes fotográficas	28
3.3 Fontes escritas	32
REFERÊNCIAS	45

Apresentação

“Como ensinar, como formar sem estar aberto ao torno geográfico, social, dos educandos?” (FREIRE, 2004, p.134)

Este Produto Pedagógico¹, intitulado *Princípios Educativos da Cidade: Fontes históricas no Ensino de História*, derivou-se da pesquisa histórica apresentada na Dissertação, *As marcas da terra nas memórias e saberes históricos: os calos do saber*, e tem como objetivo apresentar uma discussão sobre o trabalho com fontes históricas no Ensino de História. E, dessa forma, oportunizar a construção do conhecimento histórico a partir do campo de observação da História local, relacionando dimensões espaciais e temporais diversas.

O trabalho com a História local não contempla todas as características de uma cidade, pois, algumas problemáticas políticas, ambientais, sociais e culturais rompem as fronteiras temporais e espaciais. Entretanto, este campo de observação histórico promove conexões entre as particularidades existentes nos locais de observação, com contextos diferentes, indicando outras possibilidades de análise sobre um mesmo fato histórico.

Assim, a História local constitui-se em uma possibilidade de promoção do conhecimento histórico aos alunos da educação básica. Nesse sentido, a inserção metodológica da pesquisa no Ensino de História, de memórias, imagens fotográficas e de fontes escritas contribuem ao campo de observação do local, à medida que, devemos levar em consideração as fronteiras e deficiências existentes em todas fontes históricas.

¹ O Produto Pedagógico constitui-se como requisito juntamente com a Dissertação para obtenção do título de Mestre do mestrado profissional em Ensino de História, ProfHistória. Voltado para a educação básica, o Produto Pedagógico deriva-se da pesquisa histórica.

Neste Produto Pedagógico, lançamos mão das narrativas de memória, imagens fotográficas e de fontes escritas utilizadas no trabalho de pesquisa da Dissertação, como possibilidades do conhecimento histórico ao Ensino de História da educação básica. Portanto, empregamos como ponto de partida o uso de fontes históricas, no movimento do currículo oficial e na tentativa de estabelecer conexões entre as realidades contempladas no local de convivência de alunos e professores, no nosso caso, a cidade de São José dos Quatro Marcos/MT, com outros locais, fomentando uma conscientização² que provoque nos alunos um posicionamento crítico da História, no ato da ação/reflexão.

Logo, este Produto Pedagógico está organizado da seguinte forma:

No primeiro capítulo, denominado *As fontes históricas no Ensino de História*, discutimos a aplicação das diferentes fontes históricas ao processo de ensino e aprendizagem. No segundo capítulo, intitulado *Proposta de sequência didática*, apresentamos um modelo de sequência didática³, utilizando diferentes fontes históricas ao Ensino de História. No terceiro capítulo, nomeado *Catálogo de fontes históricas*, expomos diferentes fontes históricas que propicie elementos mobilizadores da História local, para professores da educação básica da cidade de São José dos Quatro Marcos/MT. Além disso, este produto pedagógico contribui para flexionar as possibilidades de trabalho no campo da História local para outros locais.

² “Por essa razão mesma, a conscientização é engajamento histórico. Ela é igualmente consciência histórica: por ser inserção crítica na história, ela implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Ela exige que os homens criem a própria existência com o material que a vida lhes oferece”. (FREIRE, 2016, p. 57).

³ Segundo o autor, Antoni Zabala, sequência didática é: “conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos.” (ZABALA, 2014, p. 18).

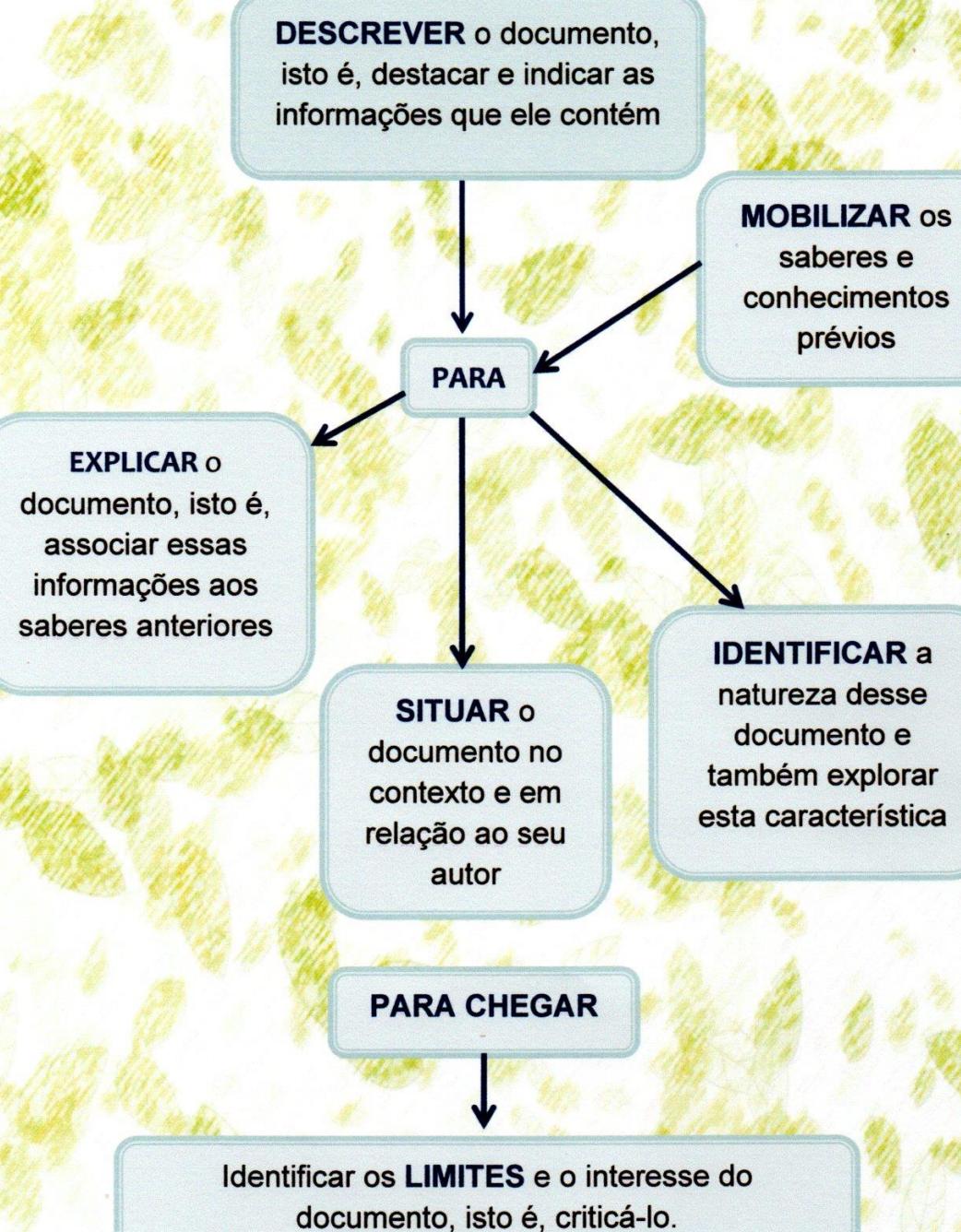
As fontes históricas no Ensino de História

O trabalho com fontes históricas no Ensino de História possibilita ao professor estabelecer uma conexão de orientação com os alunos. Contudo, o uso de fontes históricas em sala de aula não tornará o aluno da educação básica um historiador, mas, nesta relação de ensino e aprendizagem o professor pode utilizá-las como *start* em sua prática. Assim, é válido pensar o professor/historiador nesse movimento de pesquisa e ensino para transformar o dado em documento (fonte histórica). Desse modo, articulando fontes históricas com Ensino de História o professor pode historicizar em sua prática de pesquisa e ensino as fontes históricas indicando imagens que faltam ao presente.

Do mesmo modo, as fontes no Ensino de História não têm a função de atestar a fala do professor, mas, de formular problemas na qual beneficia a autonomia dos alunos. O campo de observação da História local configura-se, imprescindivelmente, na promoção de atitudes investigativas do local de convivência de alunos e professores e na multiplicação das vozes dos sujeitos históricos, pois, a pesquisa do local proporciona fontes acessíveis ao cotidiano dos alunos. Por exemplo, ao estimular suas memórias que podem ser individuais ou coletivas, promovem-se nos alunos a condição de sujeito da História.

Circe Bitteencourt destaca que as fontes históricas são produzidas sem intenção didática e, o seu uso na promoção do ensino e aprendizagem, devem ser estudadas de acordo com suas características. Assim, Circe Bitterncourt comprehende as análises das fontes históricas aplicadas ao Ensino de História:

Fazer análise e comentário de um documento corresponde a:



(BITTENCOURT, 2009, p.334)

1.1 Fontes orais

As histórias de vida dos alunos e seus familiares combinadas com a história coletiva do local a qual pertencem eleva estes sujeitos como parte integrante da história. Pois, ao compreender a História do local que da qual são produtores e produtos (em nosso caso a cidade de São José dos Quatro Marcos/MT), alunos e professores podem interpretar as formas de poder e controle social existentes neste espaço. Nesse movimento a cidade configura-se como um “palco” no processo de ensino e aprendizagem.

Ao propor o trabalho com fontes orais no Ensino de História como instrumento didático, deve compreender-se a ação metodológica da pesquisa com entrevista oral. Verena Alberti traça alguns limites e possibilidades do seu uso:

Antes de mais nada, convém lembrar que as entrevistas, como toda fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado. No caso da história oral (como em muitos outros), as pistas são relatos do passado, surgidos *a posteriori*, portanto. O passado existiu independente dessas pistas mas hoje só pode existir por causa delas e de outras. Assim, se dizemos que a narrativa, na história oral, acaba constituindo o passado, isso não significa que o passado não tenha existido antes dela. Esquecer essa diferença é tornar a narrativa, ou as narrativas, como a própria realidade, ou as realidades. E quando se opta pelo plural é porque se conclui que todas as narrativas são “válidas” – melhor dizendo, são “versões” – e que não cabe ao pesquisador julgá-las. (ALBERTI, 2017, p. 78).

Alguns cuidados devem ser tomados ao trabalhar com fontes orais. Verena Alberti (2017), ao estabelecer alguns limites para esse tipo de fonte, ressalta que as narrativas de memória são “pistas” do passado, ou seja, o passado existiu antes delas. Os alunos da educação básica não possuem ferramentais teóricos e metodológicos para promover essas análises, entretanto, essa possibilidade de ensino não pode ser desconsiderada e cabe ao professor nesse movimento assumir um papel de orientador.

Ao empregar a metodologia de pesquisa da História oral no Ensino de História como atividade de ensino e aprendizagem, pode-se propor um tema gerador⁴ como: trabalho, migração e história ambiental, isto é, como possibilidades de roteiros para elaboração das questões a serem oportunizadas nas entrevistas que podem ser conduzidas pelos alunos. Além disso, existem outras possibilidades de emprego da História oral no ensino, como: autobiografias, história oral de famílias, história oral do local, entre outras.

Dessa forma, alguns cuidados devem ser levados em consideração ao trabalhar com fontes orais no Ensino de História, tais como: a) planejar previamente as estratégias a serem utilizadas na pesquisa, b) apresentar aos alunos as condições de uma entrevista com gravador eletrônico, c) delimitar quantos e quais serão os entrevistados (por tratar de alunos da educação básica, cada grupo de alunos pode entrevistar apenas um colaborador), d) elaborar (com a ajuda do professor/orientador) um roteiro para as entrevistas, ficha de acompanhamento dos entrevistados (nome, data e local de nascimento e profissão) e carta de cessão de entrevistas.

1.2 Fontes fotográficas

As imagens fotográficas em suportes impressos se popularizaram no final do século XX, atualmente elas são reproduzidas em suportes digitais, entretanto, muitas famílias ainda guardam fotografias impressas em quadros pendurados em paredes e sobre os móveis da casa.

Para analisar e empregar fontes fotográficas ao Ensino de História, é preciso, como em qualquer outra fonte histórica, seguir alguns parâmetros, como: relacionar com outras fontes e promover a análise dentro de uma proposta pedagógica.

⁴ As propostas de “temas geradores”, descritas por Paulo Freire, fornecem elementos para associar o campo de observação da História local, assim Freire conceitua esta proposta: “A investigação temática,

Molina (2012) trata diferentes possibilidades do uso de imagens no Ensino de História, destacando o papel mediador do professor nesse processo.

Dessa forma, as imagens usadas em sala de aula não devem sê-lo gratuitamente, mas, é necessário conhecer seus componentes semânticos para adequá-los aos objetivos propostos. Assim, o desafio e o limite imposto ao professor de História serão de redimensionar e explorar as competências da imagem, não somente para motivar e envolver, mas re-elaborar, re-codificar e organizar conceitos, transformando uma relação sócio-afetiva com a imagem em uma situação de cognição. (MOLINA, 2012, p. 127).

Pensar os álbuns de famílias dos alunos, enquanto suporte de memórias, consiste em uma possibilidade pertinente ao Ensino de História na educação básica. Como disse Molina (2012), este suporte documental pode contribuir com a elaboração, organização e re-organização de conceitos históricos. Ao rever as imagens fotográficas exercemos o ato de “rememoração”, mesmo não pertencendo ao momento histórico registrado por meio da imagem fotográfica, assim, os alunos podem apropriar-se das memórias coletivas para acessar outros mecanismos de ensino e aprendizagem.

1.3 Fontes escritas

As fontes escritas ocuparam um caráter basilar na historiografia até o meados do século XX. No entanto, nos últimos anos os historiadores diversificaram suas concepções sobre fontes históricas, sem ignorar as fontes escritas, tais como: documentos oficiais editados por representantes dos poderes executivo, judiciário ou legislativo; cartas; registros paroquiais; processos criminais. Ou seja, antes restritas apenas

que se dá no domínio do humano e não no das coisas, não pode reduzir-se a um ato mecânico. Sendo processo de busca, de conhecimento, por isto tudo, de criação, exige de seus sujeitos que vão descobrindo, no encadeamento dos temas significativos, a interpenetração dos problemas.” (FREIRE, 2018, p.139).

aos documentos assinados por pessoas que representavam algum poder, ganhou novas dimensões e características.

Da mesma forma, o Ensino de História incorporou em sua metodologia de ensino e aprendizagem outros formatos de fontes escritas, como: receitas culinárias, letras de música, poemas, jornais e revistas. Mas o principal avanço no uso de fontes históricas pelo Ensino de História ocorreu pela diversificação de fontes a serem trabalhadas, entre as fontes escritas, orais, materiais, visuais e arqueológicas.

No movimento do uso de fontes históricas no Ensino de História, Circe Bittencourt pronuncia algumas retificações sobre sua utilização inadequada:

Os documentos tornam-se importantes como um investimento ao mesmo tempo afetivo e intelectual no processo de aprendizagem, mas seu uso será equivocado caso se pretenda que o aluno se transforme em um “pequeno historiador”, uma vez que, para os historiadores, os documentos têm outra finalidade, que não pode ser confundida com a situação de ensino de História. Para eles, os documentos são a fonte principal de seu ofício, a matéria-prima por intermédio da qual escrevem a história. (BITTENCOURT, 2009, p. 328).

O Ensino de História não objetiva transformar o aluno em um “pequeno historiador”. Assim, o uso de fontes históricas nas aulas de História devem acompanhar o objetivo da disciplina e, assim, proporcionar uma conscientização da sociedade em um entendimento temporal.

Proposta de sequência didática

Tema Gerador Básico⁵: Migração

Público Alvo: 9º Ano do Ensino Fundamental

Unidade Temática da BNCC⁶: Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946.

Caro (a) professor (a), podemos iniciar com as perguntas, pois são elas que conduzem ao processo de ensino e aprendizagem. Neste momento não precisamos nos preocupar com as respostas, mas com o desenvolvimento de dúvidas.

⇒ Qual a origem da população da cidade? São migrantes que vieram de outras regiões ou povos tradicionais que ocupavam este território? Caso seja composta apenas por migrantes, este era um território sem a presença humana?

⇒ O que motivou o processo de migração para o território que hoje constitui a cidade? Qual o local de origem desses migrantes? Como era a vida dessas pessoas antes de migrarem?

⇒ Como era a vida das pessoas no início da constituição do povoado? Quais alimentos eram cultivados pelos trabalhadores da terra? Por que

⁵ “Com um mínimo de conhecimento da realidade, podem os educadores escolher alguns temas básicos que funcionariam como ‘codificações de investigação’. Começariam assim o plano com temas introdutórios ao mesmo tempo em que iniciaram a investigação temática para o desdobramento do programa, a partir destes temas.” (FREIRE, 2018, p. 165).

⁶ As dinâmicas das propostas dos temas geradores, associam-se aos conhecimentos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

cultivavam estes alimentos? Era somente para o consumo próprio ou comercializavam a produção? Como era o acesso a água? Como eram as estradas? Os meios de transportes?

⇒ Quais são as principais ruas e avenidas da cidade? O que as torna tão importantes? Por que a Igreja Católica está em lugar central de destaque na cidade?

A pesquisa histórica pode delinear as respostas para estes questionamentos. Para lermos a cidade, precisamos pesquisá-la!

2.1 Primeira etapa

Proposta de trabalho com fontes orais

Objetivo de conhecimento da BNCC: As questões indígena, negra e da ditadura.

Apresentação:

Ao principiar por algumas problemáticas da contemporaneidade e partindo de conhecimentos prévios sobre a temática, o professor promoverá a “dialogicidade”⁷ com os alunos.

Partindo do presente:

Site da Revista Carta Capital

Desmatamento em terras indígenas é o maior em 11 anos, diz estudo: A terra Ituna-Itutá teve 12 mil hectares derrubados, um

⁷ “Enquanto, na ação antidialógica, a manipulação, “anestesiando” as massas populares, facilita sua dominância, na ação dialógica, a manipulação cede seu lugar à verdadeira organização.” (FREIRE, 2018, p. 242).

aumento de 656% em relação ao mesmo período do ano passado, diz o ISA

O desmatamento nas terras indígenas bateu recorde em 11 anos, segundo estudo divulgado nesta segunda-feira 16 pelo Instituto Socioambiental (ISA). O levantamento mostra que, entre agosto de 2018 e julho de 2019, a destruição das florestas nas terras indígenas amazônicas chegou a 42,6 mil hectares. O número é equivalente a 51 milhões de árvores abatidas, a maior extensão desde o período entre 2007 e 2008.

Fonte:<https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/desmatamento-em-terras-indigenas-e-o-maior-em-11-anos-diz-estudo/> acesso 22/02/2020

Para pensar sobre os povos indígenas do Brasil, podemos partir da atualidade. Assim, a reportagem apresentada no site da revista Carta Capital identifica o aumento do desmatamento em áreas indígenas promovido por invasões ilegais de não-indígenas para o uso comercial de suas terras.

Os problemas relacionados as terras originárias dos povos indígenas remontam da chegada dos portugueses. E mesmo na atualidade com a demarcação de suas terras após a Constituição Federal de 1988, a realidade de invasões e disputas de terras indígenas é constante.

O território que hoje constitui a cidade de São José dos Quatro Marcos/MT era de domínio dos povos indígenas da etnia Bororo antes dos migrantes chegarem, tornando-se uma região de conflitos e disputas e de invasões e expulsões de indígenas. A migração de povos não-indígenas ocorreu entre os anos de 1960 e 1980 que derivou a cidade de São José dos Quatro Marcos/MT, que não podemos classificar quanto “vazio demográfico”, pois já fora habitada ou perambulada por povos

indígenas⁸. A entrevista realizada com o senhor S.C.G.⁹ revela esta situação.

[...] Nós vê o índio não viu não, mais barraco tinha muito, sempre você via dentro do mato, e a gente falava aqui tinha índio, via muito aqueles pedaço dos pote deles que eles quebrava, eu acho que quando eles sai de uma moradia deles pra outra, eu falo que eles quebra tudinho aqueles pote deles, parece que o pote não era queimado no fogo, era uma massa mole, parece que não foi bem queimado é mole, fácil de quebra...Mas nós nunca viu índio, só o lugar que eles tinham ficado, um tipo de um limpeiro que tinha o barraco deles, mas uma área pouquinha, era de muito tempo que eles teve naquele lugar, eles já tinha ido pra outra área, porque os índios só gostam de mata virgem! [...] (sic). (Entrevista do senhor S.C.G.).

O senhor S.C.G, ao falar sobre a chegada no ano de 1966, nas terras adquiridas por sua família no estado de Mato Grosso, rememora as suas experiências de criança, de brincar no meio da mata fechada e encontrar objetos e vestígios pertencentes às populações indígenas, deixando evidente a passagem ou vivência desses povos nesta área.

Estratégias:

Vamos problematizar!

⇒ Qual a importância dos povos indígenas para a formação cultural e social do povo brasileiro?

⇒ Quais as reflexões da narrativa de memória do senhor S.C.G. sobre os povos indígenas que viviam e perambulavam onde hoje constitui o

⁸ “A área onde hoje se localiza o município de São José dos Quatro Marcos/MT foi habitada pelo povo indígena Bororo, também, popularmente conhecido como índios Cabaçais, denominação está dada pelos paulistas que chegaram na década de 1960. Hoje em dia os remanescentes do povo Bororo, também denominados Umutína vivem confinados na Área Indígena Umutína, em Barra do Bugres.” (Histórico da Cidade produzido pela Prefeitura Municipal de São José dos Quatro Marcos, no ano de 1988, p. 2).

⁹ Ainda possuindo autorização dos colaboradores da pesquisa para divulgação de todo material colhido, optamos em ocultar os nomes reais, substituindo-os por siglas, preservando suas identidades.

território da cidade de São José dos Quatro Marcos/MT, provoca em você?

⇒Como você interpreta o trecho da narrativa do senhor S.C.G.? Quando ele diz, [...] eles já tinham ido pra outra área, por que os índios só gostam de mata virgem (sic) [...].

⇒O que aconteceu com os povos indígenas que ocupavam o território que constituiu a cidade de São José dos Quatro Marcos/MT? Quais as consequências do processo migratório para estes povos?

⇒Quais as semelhanças e diferenças existentes entre os problemas enfrentados pelos povos indígenas no período da ditadura civil-militar brasileira com os problemas atuais apresentado na matéria do site da Carta Capital?

Vamos pesquisar!

Seguindo os cuidados apresentados no primeiro capítulo deste Produto Pedagógico, o professor pode orientar os alunos a levantarem informações sobre os povos indígenas que viveram no território que na atualidade constitui a cidade de São José dos Quatro Marcos/MT. Cada grupo de alunos pode entrevistar um morador antigo da cidade e investigar questões acerca do processo migratório, relacionando, desse modo, possíveis contatos com esses povos e/ou até mesmo o seu silenciamento.

2.2 Segunda etapa

Proposta de trabalho com fontes fotográficas

Objetivo de conhecimento da BNCC: A ditadura civil-militar e os processos de resistência.

Apresentação:

O elo entre o conteúdo programático com a fonte fotográfica sobre o campo de observação da História local pode ser a “crise do petróleo”. No final da década de 1970 uma elevação dos preços do petróleo agravou os problemas brasileiros e as taxas internacionais de juros continuaram subindo, dificultando, portanto, a tomada de novos empréstimos¹⁰. Assim, tomando como referência o livro didático de História intitulado *Historiar*, fornecido como componente curricular pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) às escolas do ensino fundamental da cidade de São José dos Quatro Marcos/MT, correspondente aos anos letivos de 2017, 2018 e 2019 e escrito pelos autores Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues, traz como destaque este momento histórico, quando dizem:

O aumento nos preços do petróleo continuava impactando a economia, pois naquela época 80% do petróleo consumido no país era importado. Para importá-lo, gastava-se quase metade do valor arrecadado com as exportações. Com isso, o governo ficava sem dinheiro para investir e buscar novos empréstimos, aumentando a dívida externa. (COTRIM; RODRIGUES, 2015, p. 217).

Percebe-se no texto as dificuldades de controlar a balança comercial, para capitar empréstimos com instituições internacionais. Consequentemente, o discurso do Estado se voltou para a necessidade de o “produtor” rural assumir um papel de empresário, em que se resolveriam os problemas de divisas financeiras que o país enfrentava em função da crise do petróleo.

A Prefeitura Municipal de São José dos Quatro Marcos/MT, junto com os governos estadual e federal, realizava propagandas direcionadas aos migrantes (trabalhadores da terra), a fim de incentivarem a produção

¹⁰ FAUSTO, Boris, História do Brasil, 11. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 502.

agrícola na cidade. Um indício disso afigura-se numa fotografia que pode ser empregada como fonte fotográfica ao Ensino de História.

Sobre uma imagem fotográfica da Avenida São Paulo de São José dos Quatro Marcos, do início da década de 1980, posicionada justamente na “encruzilhada” que originou a cidade, atualmente denominadas avenidas São Paulo e Dr. Guilherme Cardoso Pinto. Desse modo, percebe-se que o principal foco do fotógrafo era registrar o espaço urbano da cidade, as ruas e o comércio. Um elemento dessa fotografia nos chama a atenção, pois, num lado da avenida havia uma faixa em que se apresenta um discurso corrente da época, praticado pelos políticos. Observe a descrição na faixa: “Aqui o Governo Compra: Arroz, Feijão, Milho e Soja”.

Figura 1: Imagem fotográfica da Avenida São Paulo, São José dos Quatro Marcos-MT, início da década de 1980



Fonte: Arquivo - Prefeitura Municipal.

Na imagem, vemos os governos municipal, estadual e federal expressando o ideário da modernização agrícola e, do modo que, bastasse aos migrantes (trabalhadores da terra) plantarem que o governo garantiria a comercialização e compra de seus produtos. A faixa apresenta ao leitor a ideia de uma cidade produtiva, onde os agricultores

poderiam plantar que o governo compraria a sua produção. Aliás, essa ideia esteve presente no lema do governo João Figueiredo (1979-1985), “*plante que o João garante*”.

Entende-se pela imagem fotográfica que os incentivos dos governos para a agricultura na cidade buscavam favorecer somente culturas como: arroz, feijão, milho e soja. Culturas estas que gerariam divisas financeiras com as exportações, deixando de lado a principal atividade agrícola da cidade que, apesar disso, era o café, direcionado para o consumo regional e, conforme a tradição dos agricultores, não havia sequer plantios expressivos de soja na região.

Estratégias:

Após a leitura do fragmento do livro didático, que fala sobre a crise do petróleo, a fotografia deve ser apresentada e contextualizada pelo professor. Na sequência, a turma pode ser dividida em duplas para explorar o conteúdo da imagem, de modo que, cada aluno, observe e descreva a imagem para o outro. Essas descrições podem ser apresentadas ao restante da turma e comparadas entre si, com a finalidade de demonstrar e debater as diferenças de percepções da imagem trabalhada.

Apesar do foco principal neste momento ser a faixa com a propaganda política capturada pela fotografia, o professor pode estimular nos alunos outras percepções, como: a presença de uma carroça de tração animal na avenida principal da cidade, o fato da avenida não possuir asfalto, a pouca quantidade de veículos automotores e ausência de motocicletas. A partir destes aspectos, é possível relacionar outras discussões, por exemplo, destacando a invenção do automóvel e sua introdução no Brasil; cidade, eletricidade, novos ritmos da vida moderna;

o contraste entre o automóvel e a carroça; o ponto de vista do fotógrafo; o plano da imagem; e o processo de migração.

Além de trabalhar aspectos do conteúdo da Ditadura Civil-Militar brasileira, introduz, com esta proposta de trabalho, aspectos da História local sobre o processo migratório para a cidade de São José dos Quatro Marcos/MT.

Vamos problematizar!

⇒ Por que a cultura de soja não vigorou na região, mesmo com apoio do governo federal?

⇒ Por que o governo federal dava incentivo na região para a política do preço mínimo somente nas culturas de arroz, feijão, milho e soja?

⇒ Quais culturas agrícolas predominavam na cidade recém emancipada?

Vamos pesquisar!

Os alunos são convidados a trazer imagens fotográficas de álbuns de suas famílias que retratem as práticas agrícolas da cidade de São José dos Quatro Marcos/MT durante as décadas de 1960 a 1980. Da variedade de fotografias, os alunos poderão identificar quais culturas agrícolas mais aparecem nas imagens, e das culturas incentivadas pelo governo, qual ou quais não estão registradas pelas fotografias.

2.3 Terceira etapa

Proposta de trabalho com fontes escritas

Objetivo de conhecimento da BNCC: O Brasil e suas relações internacionais na era da globalização

Apresentação:

Operando com a conjectura de desconsiderar os saberes tradicionais dos trabalhadores da terra, considerados rudimentares, em detrimento do saber moderno supostamente racional de cultivo agrícola, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) foi instalada na cidade de São José dos Quatro Marcos/MT com o “objetivo” de:

Elevar através da Assistência Técnica e Gerencial, ou seja, **transferir tecnologia agropecuária e gerencial aos produtores rurais**, do elevar a produção e produtividade e consequentemente a renda líquida do produtor rural e o bem-estar das famílias rurais do município de São José dos Quatro Marcos – MT. (EMATER/MT, 1980, Grifos nossos).

Dessa forma, com o objetivo de “transferir tecnologia agropecuária e gerencial aos produtores rurais”, o saber “moderno” propagado pelos técnicos da EMATER, visava uma produção para o mercado, colocando em xeque a produção agrícola tradicional, voltada para a subsistência dos trabalhadores da terra.

Estratégias:

Devido as dificuldades de deslocamentos de alunos para locais que abriguem fontes históricas escritas, como: órgãos públicos, cartórios e delegacias, os professores podem requerer juntamente com os responsáveis destes espaços alguns materiais que podem ser digitalizados ou fotocopiados e, logo após, apresentado nas aulas com as devidas orientações e acompanhamento do professor.

Além disso, podemos incentivar a pesquisa feita pelo próprio aluno, em sites da internet e fontes históricas que estão dispostos em arquivos familiares, como exemplos, cartas, notas fiscais, documentos pessoais,

receitas culinárias, etc. Isto proporciona aos alunos a compreensão de que todos somos sujeitos da História.

Vamos problematizar!

⇒ Parece óbvio o objetivo da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Mato Grosso (EMATER), sobre o progresso agrícola de São José dos Quatro Marcos/MT. Daí surgiu à problemática, quais interesses estariam envolvidos? E quais grupos se enfrentavam nessa relação do saber tradicional com o moderno?

Vamos pesquisar!

Solicitar aos alunos uma pesquisa sobre a Revolução Verde (que começa com os primeiros ensaios de Assistência técnica rural), em sites da internet ou na biblioteca da escola (podem ser materiais de ciências e geografia), e implementação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) no Brasil.

2.4 Finalização da Sequência

Vamos compartilhar!

Neste momento os grupos de alunos devem compartilhar com os demais as experiências obtidas no processo de coleta das narrativas de memória (elementos das entrevistas que mais lhe chamaram a atenção), as imagens fotográficas das culturas e práticas agrícolas da cidade e as informações coletadas sobre a Revolução Verde, bem como a implementação da EMBRAPA no Brasil, durante a Ditadura Civil-Militar.

Vamos relacionar!

Quais as relações existentes entre: a narrativa de memória do senhor S.C.G sobre os povos indígenas; os dizeres da faixa (Aqui o Governo compra: arroz, feijão, milho e soja) da imagem fotográfica da principal avenida da cidade; e o fragmento do objetivo da EMPAER sobre

seu papel no processo de “modernização” da agricultura na cidade. O professor pode estimular o debate com a turma de alunos, possibilitando esclarecimentos e trocas de informações obtidas durante as pesquisas. Neste momento, deve-se refazer as perguntas apresentadas no início da proposta da sequência didática, identificando possíveis mudanças de interpretação dos conceitos históricos trabalhados.

Vamos registrar!

Solicitar aos alunos um texto coletivo com a temática “migração”, contendo imagens fotográficas, relatos de memórias e informações textuais, colhidos no processo de pesquisa durante a sequência didática para apresentar no mural da escola ou no blog da turma.

CATÁLOGO DE FONTES HISTÓRICAS

3.1 Fontes orais

Senhor J.M

O senhor J.M nasceu no dia 09 de dezembro de 1949 em um pequeno município chamado Álvares Florence, pertencente ao estado de São Paulo. Convivia em uma família com dez irmãos, onde residiram em uma propriedade de sete alqueires¹¹ até o ano de 1977, quando, a partir deste, migraram para o estado de Mato Grosso para uma propriedade de cem alqueires de terra adquirida no ano de 1962.

[...] *O que motivou a gente vim mais pro Mato Grosso foi... a gente não tinha nada em São Paulo a gente era em dez irmãos, o meu pai tinha comprado essa terra em 1962... E quando a gente viu assim o aperto essas coisas, e tinha chance de crescer aqui no Mato Grosso por que tinha mais terra né...aí eu e meu irmão mais velho Dirceu, nós resolvemos mudar pra cá, começa abri o Mato Grosso que era terra tudo de mato, não tinha nada formado, e aí a gente veio pra crescer um pouquinho mais por que lá em São Paulo não tinha chance e aqui era uma área, um lugar de terra boa, produzia demais, tudo que se planta dá, a gente resolveu vim, errado não vai dar, por que se plantar vai colher, só se não quiser plantar, aí a gente veio pra cá por isso pra ter um espaçozinho maior para cada um trabalhar [...] (Entrevista do senhor J.M).*



[...] *Essas terras o meu pai comprou de um corretor, eu acho que era do governo, porque a escritura foi feita em Mirassol paulista lá em São Paulo, eu não sei falar quem foi que assinou a escritura pro meu pai, eu acho que foi o governo, mas antes de comprar ele veio passear aqui e comprou 100 alqueires...Meu pai comprou mais 100 alqueires em sociedade com meu tio, depois ele precisou vender por motivo de separação, e meu pai acabou ficando com 110, depois ele tocou vender 11 alqueiros*

¹¹ A unidade de medida utilizada no trabalho corresponde aos “alqueires paulista”, que possui uma dimensão de 2.42 hectares ou 24.200 metros quadrados.

por que meu irmão deu problema de rim em 1971 ai teve que ir para Rio Preto/SP, a gente gastou tudo para vim pra cá, ficou meio sem dinheiro e daí vendeu 11 alqueires, os herdeiros, eu e meu irmão recebemos uma herança do sogro, pegamos o dinheiro e compramos os 11 alqueiro dele, ai a gente ficou trabalhando aqui até hoje graças a Deus, mas, chegou a hora que a roça não deu mais teve que parar com a roça [...] (Entrevista do senhor J.M).



[...] Era tudo roça, muito pouco a pecuária, a gente foi assim formando, formando, só tinha um pedacinho de pasto formado com algumas vacas, começou formando, vai formando, teve uma época que a gente até pensava assim... Nossa a gente com 110 alqueires de mato, quando que nós vamos abrir isso? Tudo mata fechada, tinha uma parte aqui na frente de 12 alqueires mais era um capuerão já tava tudo abandonado, o mato era até mais fácil, porque roça derruba e queima. Aí começou aquela influência de banana e café, teve uma época que lá no fundo da fazenda, nós fizemos uma colônia e moravam 22 famílias, tudo meeiro, empregado da gente parceiro, meeiro, um plantava café outro plantava banana outro roça, todo ano tinha gente querendo derrubar mais mata, não demorou 10 anos já estava com o mato quase tudo derrubado, era roça café, chegamos ter 60 mil pés de café, foi acabando, acabando, porque não compensava mais tocar roça, ficou mais caro plantar e colher do que comprar, por exemplo você ia comprar um saco de arroz, por 20 reais, pra você começar desde o começo até você por ele na túia ficava mais de vinte, então não compensava mais mexer... E o café começou a dar uns problemas, ficou preto pretejou tudo, aí foi acabando café, acabando roça, acabando tudo, foi virando pasto, e virou pasto até hoje, o auge do café foi até final dos anos 1980 em 1990 já foi acabando... Não compensava mais tocar roça, até hoje se você for plantar roça, fica mais caro você plantar e colher do que você comprar, né! A gente tem experiência disso de pessoas que foram plantar roça e não deu certo [...] (Entrevista do senhor J.M)

Senhor D.M

O senhor D. M¹² nasceu no dia 18 de julho de 1942 no distrito de Jaci, localizada na cidade de Mirassol, estado de São Paulo. Morava em uma propriedade de cinco alqueires, onde, juntamente com sua família viveram (pai, mãe, e nove irmãos) até 28 de junho de 1964, quando

¹² O primeiro contato com o senhor D. M., ocorreu por intermédio de sua filha que possui um estabelecimento comercial na cidade de São José dos Quatro Marcos. Este foi o único colaborador que ainda não conhecia, por residir na cidade todos os demais já tivera algum contato antes das entrevistas. Fui para o primeiro encontro com o colaborador em dia e hora marcada por sua filha, depois de recolher as informações necessárias para programar a entrevista marquei para outra data a sua realização.

migraram para o estado de Mato Grosso. Aqui, conviveram em uma propriedade de vinte e dois alqueires, adquirida por seu pai. Dos nove irmãos, apenas uma irmã não teria vindo para Mato Grosso, pois havia recém-casado no estado de São Paulo.

[...] nós estávamos morando em São Paulo, a gente tinha apenas cinco alqueiro de terra, que meu pai herdou do pai dele, herança do meu avô e nós éramos em nove irmãos, e não tinha mais terra para trabalhar...ou a gente vinha para um lugar que tinha mais terra em abundância, ou tinha que ir pra cidade pra procurar emprego...isso o meu pai ainda não queria, ir pra cidade! Então, isso que motivou eu naquela época vim pra cá, adquirir um pedaço de terra aqui, de vinte e dois alqueires...Aí nós mudamos pra cá, pra trabalhar a terra [...] (Entrevista do senhor D.M).



[...] Naquele tempo, tinha uma firma lá em Mirassol estado de São Paulo, que adquiriu essas terra aqui, aqui por perto de Mirassol D'Oeste, Sonho Azul, essa região toda, dizem que eles sobrevoando essa área descobriram essas terras, que estavam improdutivas...aí foram ver com o governo do estado e eles adquiriram as terras, pra pode lotear, a empresa que comercializou as terras, foi a Ciga lá de Mirassol estado de São Paulo, então eles lotearam e foram vendendo e traziam o pessoal que interessava por terra, traziam até de Peruá, sem compromisso, quem comprava, comprava, quem não achava de acordo não comprava...e meu pai veio em uma viagem dessas, veio conhecer e já comprou a terra, aqui em Quatro Marco, na comunidade do Cruzeirinho, em 1962, em 1964 mudamos pra cá, ficamos em Mirassol D'Oeste primeiro porque em aqui não tinha ninguém, e era muito difícil, não tinha água, não tinha nada...então nós parou em Mirassol D'Oeste, que tinha quatro casa de barrote feita de barro, e o resto era uma porção de rancho de palha, e nós acampo ali...aí arrendemos uma terra perto de Mirassol D'Oeste, ficamos morando três anos, mas começamos mexer aqui em Quatro Marcos também...em 1967, a gente mudou pra cá, conseguimos derrubar a mata fazer umas casa de pau, pra morar [...] (Entrevista do senhor D.M).



[...] Em Mirassol D'Oeste tinha apenas quatro casas de barro, e o resto era rancho de palha, beira-chão, não tinha nada absolutamente nada...tinha uma maquininha de limpar arroz, numa casinha de adobe, feita daqueles tijolo de barro, e tinha uma pequena farmácia, só tinha isso também mais nada...o senhor Benedito Cesário, que era uns dos coordenadores do povo naquela época ali, ele tinha um caminhão...esse caminhão ia pra Cáceres toda semana, levar o povo pra fazer compra, ele ia na segunda feira e voltava na sexta feira a tarde, a noite, chegava de volta, naquelas estradinha rum sabe...Naquela época a gente saia daqui (Quatro Marco) ia posar em

Mirassol D'Oeste, no outro dia de madrugada, pegava o caminhão que ia pra Cáceres, quando precisava de fazer compra, fazia as compra e tudo que tinha que fazer, esperava todo mundo, uns ia mexer com banco, aquela coisa toda, ou ia no médico se tratar, esperava todo mundo, na hora que estava todo mundo pronto, sexta feira meio-dia vinha embora chegava aqui a noite [...] (Senhor D.M)



[...] Nos primeiros três anos, a gente trabalhou de arrendatário, pagava uma porcentagem pro patrão, nós que era homem, trabalhava no machado na foice também, a gente não tinha motosserra naquele tempo, era só machado e foice...agora quando pegava a enxada, as mulheres iam também, minhas irmãs cada uma tinha sua enxada (risos), e pau na mula...depois que a gente veio para o nosso sítio, o trabalho era o mesmo, só que ali a gente não tinha mais que pagar renda, porque era nosso a terra [...] (Senhor D.M)



[...] No começo, pelos anos 1965, 1966, até 1970, vinha um pessoal lá de São Paulo, caminhoneiro de lá, trazia mercadoria pra cá, aí começou os pequenos comércios...em Mirassol, alguns colocaram comercio, em Quatro Marco começou também, com os pequenos comércios, não precisava mais ir em Cáceres pra comprar de tudo, só se fosse alguma coisa maior. Os caminhoneiros vinham de São Paulo com carga fechada, de mercadoria, vendia pros comerciantes daqui eles carregavam de arroz e feijão, e levava pra São Paulo, no começo levava em casca, depois começou a aparecer as máquinas de beneficiamento e eles limpavam. Eles sabiam que a gente tinha feijão pra vender, pegavam o caminhão e desciam, ia lá e perguntava "Tem feijão aí?", comprava pagava lá mesmo, levava embora pra São Paulo, no começo foi assim, depois que a produção aumentou demais, eles não dava conta, era muita produção, aqui já produziu muita coisa. Então apareceu a Casemat, construíram a Casemat em Cáceres, Mirassol, Quatro Marco, era o governo que comprava a superprodução, comprava e armazenava, os armazéns não suportavam, eles empilhavam pro lado de fora e cobria com lona, e depois que acabava a safra, eles começavam a transportar esses produtos pra São Paulo, Rio de Janeiro, Santos. Café eles não compravam era mais arroz, feijão compravam muito pouco porque é um produto que perece logo, depois que apareceu as máquinas de debulhar milho, começaram comprar também...no começo milho não tinha valor, porque era a espiga, um vendia pro outro que não tinha, depois que apareceu o maquinário aí valorizou [...] (Entrevista do senhor D.M)



[...] Quando nós chegamos aqui no Cruzeirinho, não existia água, só existia quando chovia, tinha uns buracos no brejo, então pegava água de chuva, ele mirava água, mas quando entrava a seca ele secava não tinha água, então a gente com tambor e uma carroça ia buscar água na Boca Rica, logo pra baixo na estrada da Santa Fé, ali tinha um lugar que não secava, então o pessoal buscar água ali. Isso foi cinco anos,

puxando água de carroça, porque não tinha poço, furava poço e não dava água, nós tínhamos furado nove poço e não dava água, furamos poço até com cento e cinquenta palmos, não dava água de jeito nenhum. Aí quando foi um dia, tínhamos colhido amendoim, chegou um cidadão lá de Mirassol D'Oeste, que tinha uma fabriquetinha de doce, e queria comprar nosso amendoim, ele chegou lá viu os tambor na carroça, e perguntou, “vocês não tem poço?”, nós respondemos, “não tem, aqui não dá água!”, ele perguntou, “mas vocês fizeram experiência, pra furar o poço?”, não que experiência, nós não sabia, o rapaz pediu um alicate, foi lá na cerca, cortou dois pedaços de arame, andou pra lá, andou pra cá e falou pode furar um poço aqui que vai dar água, ai ensinou nós fazer experiência, achar a veia da água, ele falou que não sabia a fundura, mas que iria dar água. Mas era começo das águas não daria mas tempo pra furar poço, nós tinha que mexer com a roça, meu pai marcou aquele lugar, ai no ano seguinte quando começou a seca, nós furamos e achou água, depois disso não perdemos mais poço, depois outros começaram a furar poço e começaram achar água também, ai não precisou buscar água de carroça mais, e não era só nós, era todo o pessoal daquele lugar. O único córrego que tinha água era o Corgão, os demais secavam tudo, só corria água também na época da chuva, no mais só ficava aquelas possas [...] (Entrevista do senhor D.M).

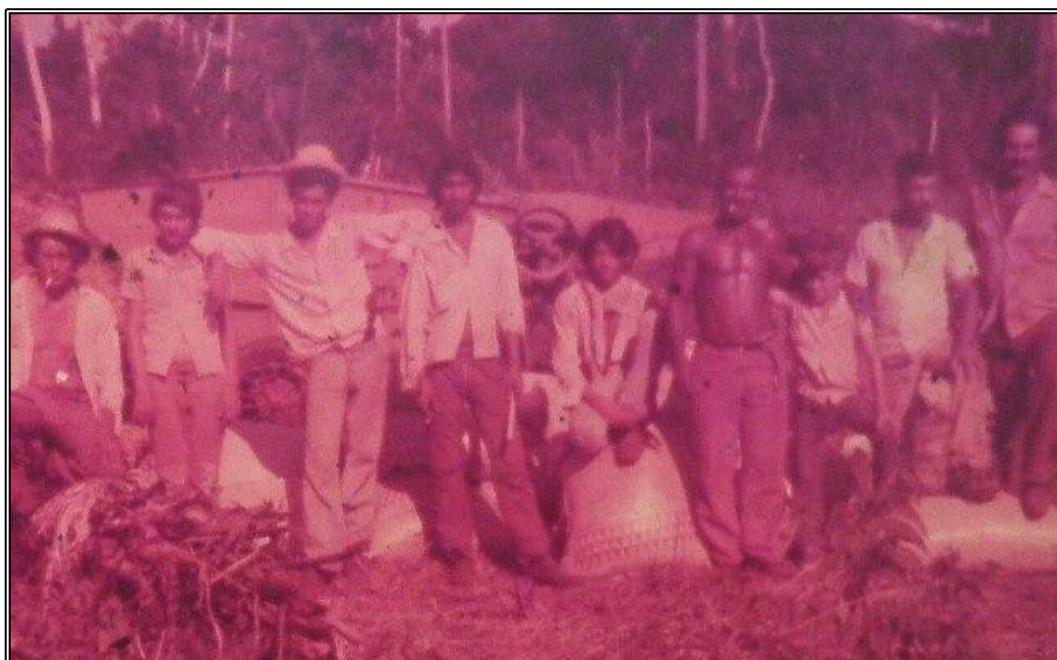
3.2 Fontes fotográficas

Fonte fotográfica 1: Propriedade do Sr. João Miller, comunidade Abelha, São José dos Quatro Marcos/MT, 1975. Colheita de arroz.



Fonte: <https://pioneirosdequatromarcos.blogspot.com> acesso 10/04/2020

Fonte fotográfica 2: Propriedade do Sr. Silvano Alves Almeida, comunidade Poção, São José dos Quatro/MT, 1975. Colheita de arroz.



Fonte: <https://pioneirosdequatromarcos.blogspot.com> acesso 10/04/2020

Fonte fotográfica 3: Caminhão do Sr. Antônio Miller, carregado de mudas de café.



Fonte: <https://pioneirosdequatromarcos.blogspot.com> acesso 10/04/2020

Fonte fotográfica 4: Caminhão do Sr. Afonsinho carregado com cereais em 1981.



Fonte: <https://pioneirosdequatromarcos.blogspot.com> acesso 10/04/2020

Fonte fotográfica 5: Lavoura de café consorciada com arroz, propriedade do Sr. Fidélis José de Souza, comunidade Poção, década de 1980.



Fonte: <https://pioneirosdequatromarcos.blogspot.com> acesso 10/04/2020

Fonte fotográfica 6: Lavoura de café consorciada com arroz, propriedade do Sr. Paulo Quirino, comunidade Barreirão, década de 1980.



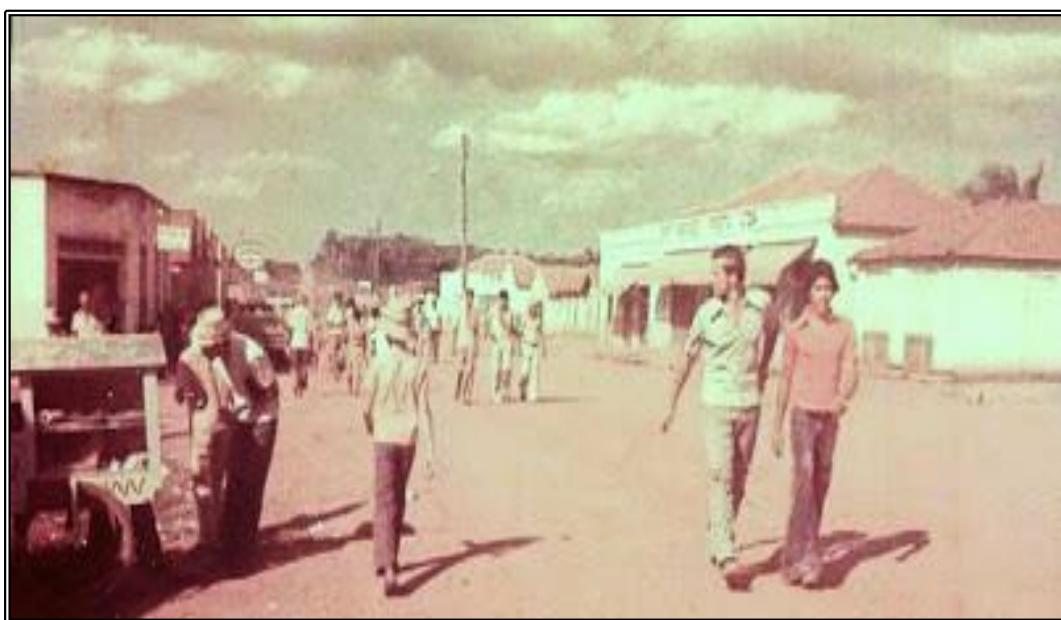
Fonte: <https://pioneirosdequatromarcos.blogspot.com> acesso 10/04/2020

Fonte fotográfica 7: Edifício Zeferino José de Matos, avenida São Paulo, início dos anos 1980.



Fonte: <https://quatromarcos-emfoco.blogspot.com> acesso 10/04/2020

Fonte fotográfica 8: Avenida São Paulo, entre 1974 e 1975.



Fonte: <https://quatromarcos-emfoco.blogspot.com> acesso 10/04/2020

Fonte fotográfica 9: Escola Mista, primeira escola de São José dos Quatro Marcos, localizada na encruzilhada que deu origem a cidade, hoje avenidas São Paulo e Dr. Guilherme Cardoso Pinto, final dos anos 1960.

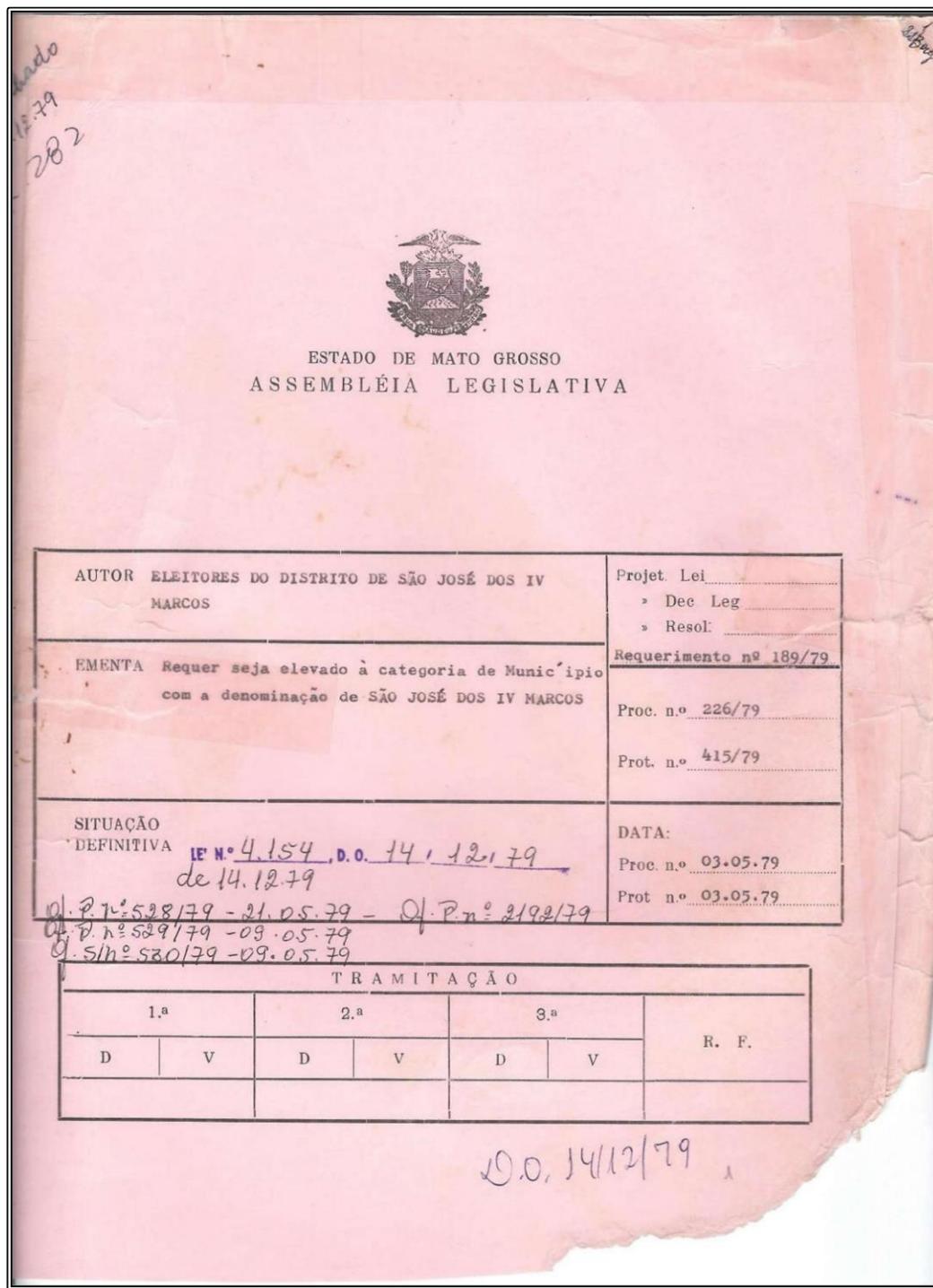


Fonte: <https://quatromarcos-emfoco.blogspot.com> acesso 10/04/2020

3.3 Fontes escritas

Documentos da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso:

Fonte escrita 1: Introdução do Processo de Emancipação Política do distrito de São José dos Quatro Marcos, 1979.



Alobo Borges

Machado

Senhor Presidente:

Senhores Deputados:



Nesta noite ocupo esta tribuna com orgulho, vaidade e alegria.

Orgulho por fazer parte integrante dessa comunidade pujante e progressista, que, surgindo da mata bruta há 10 anos atrás, hoje adquiriu fôros de cidade, justificando-se plenamente a sua pretensão que hoje apresento nesta Casa.

Vaidade por ser justamente este Deputado / que vos fala o escolhido por aquele nobre povo para encaminhar esta solicitação de emancipação do distrito de Quatro Marcos.

E finalmente, senhores Deputados, alegria / por ver em vias de concretização um ideal que, há vários anos, aquela florescente cidade almeja.

Há 10 anos atrás, quando naquela região / já residia, enfrentando os problemas peculiares de regiões pioneiros, vi, com assombro e admiração, novas lévias de homens dispostos a vencer na vida e a levar o progresso e o desenvolvimento a uma região de Cáceres e de Mato Grosso, penetrar naque la região de matas, ubérrimas é verdade, mas sem qualquer obra de infra-estrutura que permitisse, siquery vislumbrar um êxito na sua missão. Mas, senhores Deputados, com aquela chama de vidadeiros pioneiros, com aquela vontade de vencer, com aquela vontade de dar às suas famílias melhores condições de vida, com aquele espírito de brasiliade de fazer com que o Brasil progredisse também naquele pedaço de chão metagrossense, aqueles homens, aquelas mulheres e, porque não dizer, até aquelas crianças que hoje já são jovens integrados na comunidade de nosso Estado, implantaram naquele sertão uma sociedade produtiva, que, hoje, nada fica a dever às outras unidades político-administrativas do Estado.

Possuindo já, embora a deficiencia de infra-estrutura, uma indústria bastante eficiente, com uma cerâmica cuja tecnologia é das mais adiantadas do Estado e do Brasil, com uma agro-indústria com capacidade de elaborar não só a sua produção como também a produção de áreas circunvizinhas, com um comércio altamente dinâmico, o Distrito de Quatro Marcos, para minha satisfação pessoal, e orgulho daquele povo é hoje uma das mais adiantadas comunidades do norte de Mato Grosso.

MSV/RC

Iniciada, como já disse, há 10 anos atrás, como um simples loteamento de terras, quando aproximadamente 100 mil hectares foram loteados em lotes de 20, 40, 60, 80 e 100 alqueires, aquela região formou-se da maneira ideal para regiões rurícolas no norte do Estado, propriedades pequenas médias e grandes, integradas em um só objetivo, o progresso da região e o bem estar do homem que lá habita.

A sua produção agrícola, que permite a existência de 13 indústrias de beneficiamento de arroz, só como exemplo, é de tal magnitude que permite uma arrecadação prevista de sete milhões de cruzeiros de ICM para este exercício de 1.979, somente do setor primário.

Esperando o apoio dos meus nobres Pares nesta Casa, para a justa e merecida pretensão daquele povo, encaminho à Mesa o memorial contendo mais de 100 assinaturas que a lei exige.

Fonte escrita 2: Exposição dos motivos para Emancipação Política do Distrito de São José dos Quatro Marcos.

Exmo Sr. Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso.

Ms. 1000

REQUEREM seja elevado à categoria de Município o Distrito de S. José dos Quatro Marcos, desmembrado do Município de Mirassol D'Oeste, com a mesma denominação do Distrito e sede - do Distrito de S.J. dos IV Marcos.

Os eleitores abaixo assinados, cujas assinaturas se acham devidamente reconhecidas, residentes e domiciliados em São José dos IV Marcos, vem à presença de Vossa Excelência para expor, e, ao final requerer o que se segue:

I- Exposição

Pretendem que seja elevado à categoria de MUNICÍPIO com a denominação São José dos IV Marcos, o núcleo populacional onde residem, com fundamento no art. 14 da Constituição Federal e na Lei Complementar Nº 1, de 9 de novembro de 1967, já que estão concientes, salvo melhor ajuizamento, de que a região a ser desmembrada, cujos limites abaixo se vê, detém as condições mínimas estabelecidas pelo diploma legal - já citado:

1) São José dos IV Marcos, já conta com a população estimada de 18 000 pessoas, se considerarem os residentes na sede quanto os núcleos: Santa Fé D'oste e Aparecida Bela, que integrarão o pretendido Município.

2) O nº de eleitores deverá ultrapassar a casa dos 3 230 portanto um quantitativo superior a 10% da população estimada.

3) À arrecadação de impostos na área deverá ultrapassar a casa dos \$ 7.000.000,00 anuais, em 1979, levando em consideração a produção de café, feijão, arroz, algodão e milho, e, assim, o movimento comercial assentado em 39 estabelecimento industriais, sendo: 04 de beneficiamento de madeira, 05 de fabricação de móveis, 02 serraria, 01 cerâmica, 05 olarias, 01, fabricação de cadeiras, 02 beneficiamento de café e 13 de beneficiamento de arroz, e 102 estabelecimento comerciais, sendo: 04 farárias, 03 escritórios, 01 padaria, 03 hotéis, 01 auto peças, 05 mini-mercado, 15 bares, 15 secos e molhados, 02 comércio de ferragem, 02 comércio de calçados, 03 restaurantes, 03 instituto de beleza, 03 salões de barbeiros, 01 cinema, 02 postos de gasolina, 02 sapatarias (conserto), 05 oficina mecânicas, 03 oficinas de conserto, 06 açougue, 01 vidraçaria, 20 botequim e semelhantes, e 02 hospitais.

4) O nº de casas residenciais na sede, é de 1050.

...continua na folha nº 2

v

msheiros

-continuação da folha nº 1.

5) Para efeito de tramitação do projeto de lei, sugerem os seguintes limites do pretendido município, abrangendo os núcleos de Santa Fé D'oeste e Aparecida Bela.

Começa na confluência do Rio Cabaçal com o Córrego do Bugres, seguindo em linha reta até alcançar a confluência do Córrego do Paco com O Córrego do Caeté, , daí descendo o Córrego do Caeté , até alcançar a ponte da estrada Transefônica (que liga Mirassol D'este à estrada Vicinal que liga MT 126 a BR 416), da ponte do Córrego do Caeté, segue a transefônica até atingir a estrada Vicinal, e seguindo em linha reta até alcançar o travessão que liga Araputanga a BR 416 dai segue este travessão até alcançar a BR 416, subindo pela BR 416 , até atingir a ponte do Rio Jaurú (Porto Esperidião), e dai subindo pelo Rio Jaurú até alcançar a confluência do Rio Santíssimo, dai seguindo em linha reta até atingir o Córrego Santa Rosa, dai partindo em linha reta até atingir a Fazenda Aliança no Rio Cabaçal, e descendo o -/ Rio Cabaçal até o ponto de partida.

6) Não tem dúvida de que, elevado à categoria de Município, a nova célula Estadual terá condição básicas sua autônoma existência.

II- Requerimento

8) Requerem se digne Vossa Excelêcia:

A) Proceder à requisição de dados ao INstituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Tribunal Regional Eleitoral e Secretaria da Fazenda do Estado, nos Termos dos § 3º do artigo 2º da Lei Complementar nº 1, de 9 de novembro de 1967;

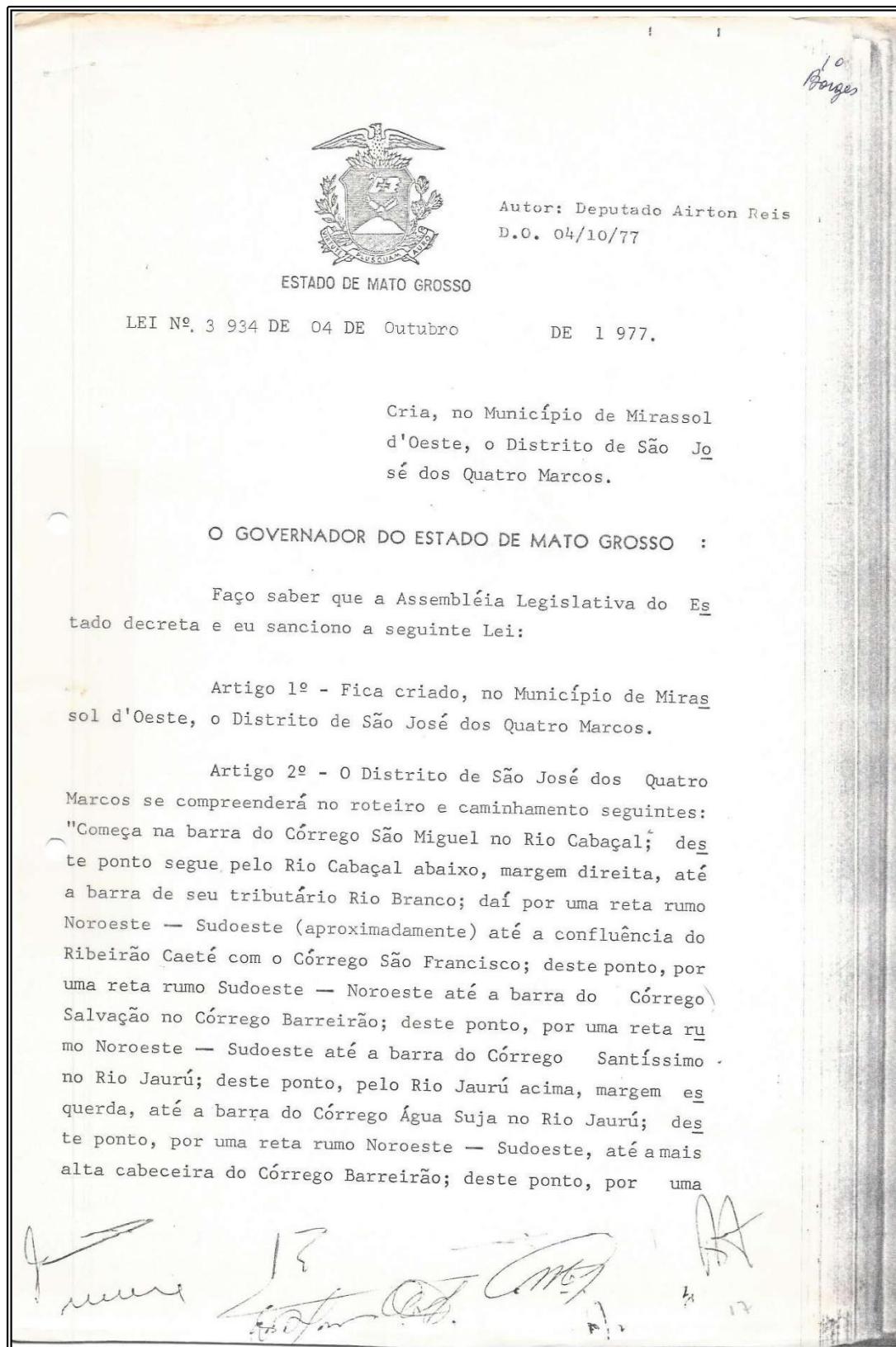
B) Recebidos os dados previstos na letra (A), haja por bem determinar a realização do plebiscito estatuído no art. 3º da citada Lei, e, favorável este;

C) A tramitação do projeto de Lei que, ao final, assegure a elevação de SÃO JOSÉ DOS IV MARCOS, à categoria de MUNICÍPIO, objetivo colimado por esta representação.

Termos em que
P. Deferimento

São José dos IV Marcos, 06 de abril de 1979.

Fonte escrita 3: Lei estadual nº. 3.934 de 04 de outubro de 1977, de autoria do deputado estadual Airton Reis: Cria, no município de Mirassol D'Oeste, o distrito de São José dos Quatro Marcos.



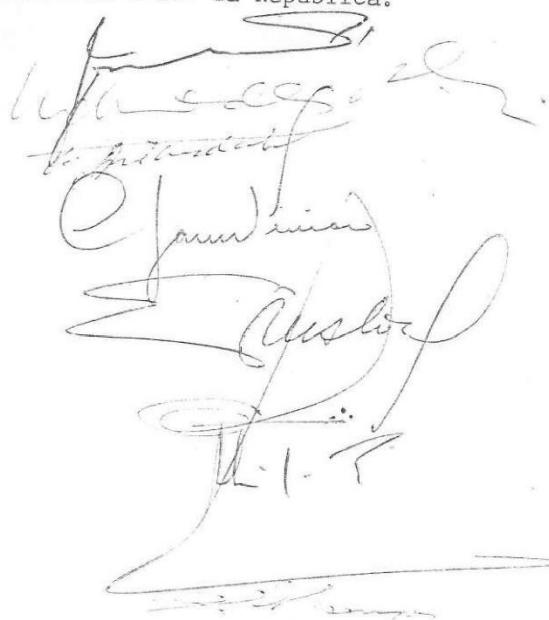
OVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO

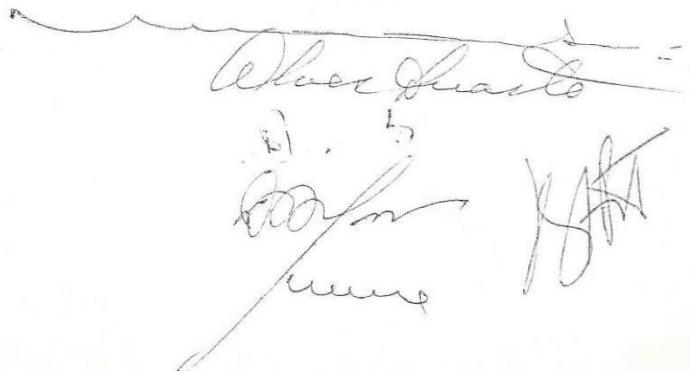
11
Borges

reta rumo Noroeste — Sudoeste, até a barra do Córrego São Miguel no Rio Cabaçal, ponto de partida".

Artigo 3º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

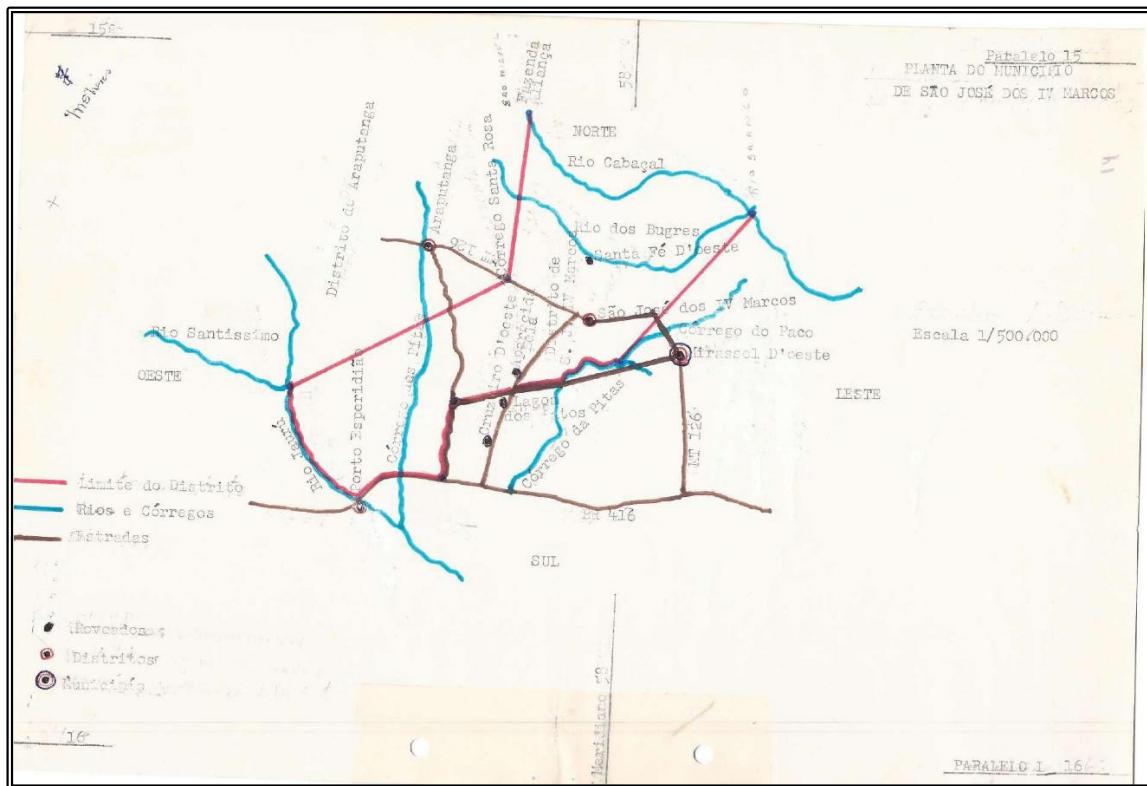
Palácio Paiaguás, em Cuiabá, 04 de Outubro de 1977, 156º da Independência e 89º da República.



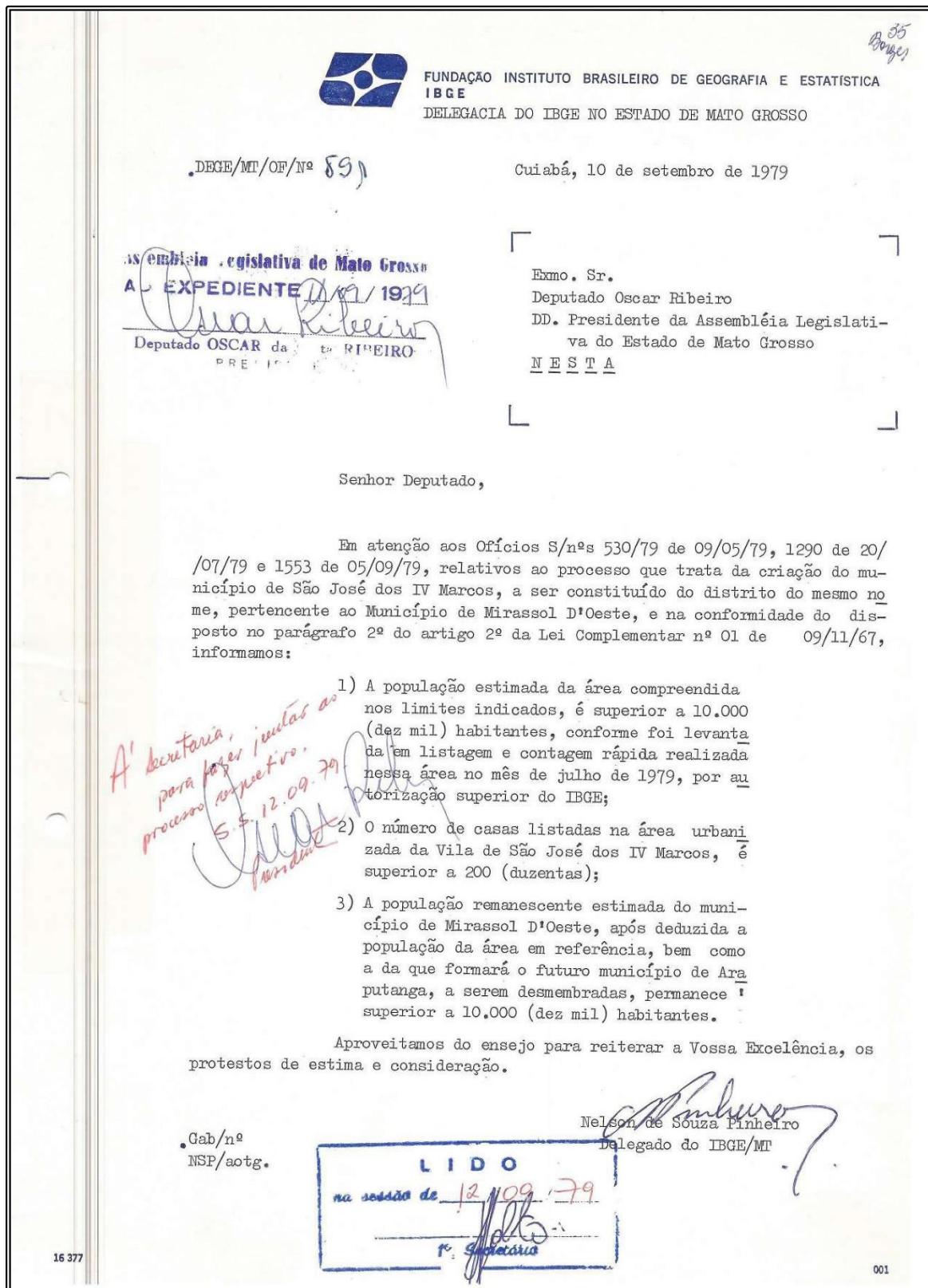

Olavo Dutra

16

Fonte escrita 4: Planta do distrito de São José dos Quatro Marcos.



Fonte escrita 5: Boletim sobre o Distrito de São José dos Quatro Marcos da delegacia do Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), de 10 de setembro de 1979 do estado de Mato Grosso.



Fonte escrita 6: Pedido de emancipação política de 15 distritos do estado de Mato Grosso, no dia 30 de novembro de 1979.

5.1 T

30/11/79

O SR. PRESIDENTE - Sobre a Mesa, Requerimento das Lideranças Partidárias, queiro à Mesa nos termos do Artigo 296, alínea c, do mesmo Regimento, seja concedido regime de urgência urgentíssima para tramitação da matéria identificada ao pé deste, o qual se encontra nesta Assembléia aguardando a manifestação do plenário e por assentimento das Lideranças; Projeto de criação de 15 Municípios.

- 1) Alta Floresta,
- 2) Rio Claro,
- 3) Sinop
- 4) Juscimeira,
- 5) Água Boa
- 6) Canarana
- 7) Pontes e Lacerda
- 8) Quatro Marcos
- 9) Salto do Céu
- 10) Nova Brasilândia
- 11) Paranatinga
- 12) Jauru
- 13) Araputanga
- 14) Rio Branco
- 15) Colider como Municípios.

Em votação o Requerimento. Os Srs. Deputados que aprovam queiram permanecer como se encontram. (PAUSA). Aprovado, em regime de urgência urgentíssima os Projetos de Criação dos Municípios. A Mesa encaminha os Projetos de Alta Floresta, Rio Claro, SINOP, Juscimeira, Água Boa, Canarana, Pontes e Lacerda, Quatro Marcos, Salto do Céu, Nova Brasilândia, Pontes e Paranatinga, Jauru, Araputanga, Rio Branco, Colider, à Comissão de Constituição e Justiça para Parecer oral em plenário.

A Presidência suspende à Sessão por 60 minutos afim de que a Comissão possa deliberar sobre a matéria.
Está em segredo de Estado.

62

Fonte escrita 7: Lei estadual nº. 4.154, 14 de dezembro de 1979. Eleva à categoria de Município o distrito de São José dos Quatro Marcos.

ca do rio Cabaçal defronte à barra do córrego São Miguel, no ponto de partida.

Artigo 2º - Nos termos da Lei Complementar federal nº 1, de 09/11/1967, o Município de Quatro Marcos será instalado no dia 31 de janeiro de 1981, com a posse do Prefeito, Vice Prefeito e Vereadores a serem eleitos a 15 de novembro de 1980.

Parágrafo único - Enquanto não instalado, o Município permanecerá sob jurisdição política e administrativa da Prefeitura Municipal de Mirassol D'Oeste, que manterá os serviços essenciais à população residente na área emancipada.

Artigo 3º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio Paiaguás, em Cuiabá, 14 de dezembro de 1979, 158º da Independência e 91º da República.

Frederico Carlos Soares Campos
FREDERICO CARLOS SOARES CAMPOS

Oscar Alcolumbre Borges
OSCAR ALCOLUMBRE BORGES
ARNALDO BORGES
HÉLIO PALMA DE ARRUDA
JOSE SILVEIRO DA SILVA
DOMINGOS SAVIO BRANDAO LIMA
SALEM ZUGAIR
PAULO SANTA RITA CARVALHO DE ATHAYDE
ÉZIO FRANCISCO CALABRIA
ROMULO VANDONI
MILTON ARMANDO POMPEU DE BARROS
HUGO LEOPOLDO SOARES CAMPOS
IVO CUIABANO SCAFF
CARLOS JOSE AVELINO DE SOUZA VIEIRA

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Fontes Orais:** História dentro da História, In: _____ et al. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2018.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história:** fundamentos e métodos. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- COTRIM, Gilberto e Rodrigues, Jaime. **Historiar.** São Paulo: Saraiva, 2015.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Edusp, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização.** São Paulo: Cortez, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- MOLINA, Ana Heloisa. Imagens como documento – professores, alunos e o ensino e aprendizagem de História: uma relação complexa. **Textura Revista de Educação**, Ciências humanas e Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense. Canoas/RS: UNESC, n.17, jan./jun. 2008, p. 121-134.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Penso, 2014.